

**A BRINCADEIRA ACABOU: UM CASO DE AMADURECIMENTO PRECOCE E  
SUAS IMPLICAÇÕES**

Flávia Angelo Verceze  
Carla Maria Lima Braga

*“Se os adultos abdicam, os adolescentes tornam-se adultos prematuramente, mas através de um processo falso”.* (Winnicott, 1989, p.158)

Donald W. Winnicott foi médico pediatra e psicanalista que se preocupou com o desenvolvimento humano, principalmente, na fase inicial da vida, e considerou o ambiente como fator primordial para o desenvolvimento saudável. Ambiente para o autor se referia às condições psicológicas ou emocionais e/ou físicas ou concretas, como a presença real de pessoas necessárias ao amadurecimento emocional do bebê. (Araújo, 2005). Desta forma o autor se refere ao ambiente, como além de necessário, deve ser suficientemente bom para levar o indivíduo ao amadurecimento. Araujo (Citado por Braga, 2012) destaca que para que esse ambiente seja assim considerado ele deve ser um processo dinâmico, ou seja, deve-se adaptar às necessidades mutáveis da criança à medida que esta amadurece. Inicialmente esse ambiente é a mãe, que tem papel vital tanto para a sobrevivência do bebê quanto para seu amadurecimento emocional, que nesta fase deve adaptar-se as necessidades do bebê, lhe concedendo certa medida de fidedignidade. De acordo com Winnicott (1975) “Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial, espaço que pode tornar-se uma área infinita de separação, e o bebê, a criança, o adolescente e o adulto podem preenchê-la criativamente com o brincar” (p.150).

Todavia, Winnicott também destaca a importância do ambiente para a continuação do ser, ou seja, em outras etapas da vida. Assim estudou e escreveu temas relacionados à adolescência, que trazem como marca uma originalidade, pois apresenta características novas como sendo essenciais da adolescência.

Para este autor, a fase da adolescência está ligada a questões de sua existência no mundo, que é nesta que o adolescente está à procura de si mesmo, apresentando necessidades

essenciais do ambiente que o cerca, como a sobrevivência, isto é, os pais enquanto ambiente nada podem fazer além de sobreviver a esta fase dos filhos, aos ataques da juventude e às suas fantasias inconscientes referentes ao assassinato dos pais, porque crescer é um ato agressivo em que está contido o assassinato, o que com certeza deixa uma situação difícil, mas que também o é para os próprios adolescentes. (Winnicott, 1975).

O adolescente apresenta como característica a imaturidade, isto é, a imaturidade é um elemento essencial da saúde durante a adolescência, pois ela contém as características do pensamento criativo, de sentimentos novos e desconhecidos, sendo sua “cura” apenas a passagem do tempo e o crescimento para a maturidade (Winnicott, 1989).

Assim Winnicott se refere a esta como uma fase que deve efetivamente ser vivida em seu tempo certo, ou seja, seus processos não podem nem ser atrasados nem adiantados. Os adolescentes que se tornam adultos prematuramente, o fazem através de um processo falso.

A imaturidade constitui uma propriedade que tem que ser perdida por cada indivíduo, quando a maturidade é alcançada. Não se deve adiantar etapas levando a maturidade falsa através da transferência de responsabilidades que não são características da adolescência. Winnicott nos mostra tal importância quando fala: “[...] *A partir do ser, vem o fazer, mas não pode ter o haver o fazer antes do ser- eis a mensagem que os adolescentes nos ensinam*” Winnicott, (citado por Braga, 2012).

Quando o adolescente se torna adulto antes da hora, ele envelhece de maneira prematura, perdendo o impulso criativo, a espontaneidade e a capacidade de brincar, ele se torna um adolescente que vence cedo demais, ficando a espera de ser morto (Braga, 2012). A responsabilidade tem de ser assumida pelas figuras parentais, se estas abdicam, então os adolescentes têm de passar para uma falsa maturidade e perder sua maior vantagem: a liberdade de ter ideias e de agir segundo o impulso. (Winnicott, 1989).

Perder o impulso criativo e a capacidade de brincar segundo a teoria de Winnicott é perder a vontade de viver, criatividade é o fazer que, gerado a partir do ser, indica que aquele que é está vivo. Para ele a capacidade do brincar é igualada a uma qualidade do viver, não apenas a capacidade de brincar propriamente dita, mas a capacidade de operar na área

intermediária sem limites, em que a realidade interna e externa se compõe na experiência de viver, operar na área chamada por Winnicott de Transicional, ou seja, na área intermediária entre a experiência exterior e a interior, área de conforto, que proporciona ao indivíduo a saúde e a felicidade.

Diante deste entendimento a respeito da adolescência na Teoria de Winnicott, o presente trabalho tem como objetivo demonstrar através de um caso clínico um amadurecimento precoce, suas implicações no psíquico e na vida do paciente e atitudes do psicoterapeuta diante de tal caso.

Foi realizado atendimento individual com uma paciente (sexo feminino) de 16 anos na Clínica Escola da Universidade Estadual de Londrina, sendo de uma vez por semana e de abordagem psicanalítica. Além dos atendimentos, utilizou-se o Procedimento de Desenhos-Estórias com tema (D-E) por ser um instrumento destinado à investigação clínica da personalidade, que consiste em pedir que o examinando realize um desenho com um tema determinado. Em seguida, pede-se ao examinando que conte uma estória dizendo o que acontece no desenho. No presente trabalho o tema era "O que é adolescência?".

Como a paciente Júlia (nome fictício) já tinha passado por um atendimento na Clínica Escola da Universidade, alguns dados já eram do conhecimento da terapeuta antes de iniciar a terapia. Júlia tinha 16 anos, morava com os avós desde criança por ter sido abandonada pela mãe, conheceu o pai biológico aos 14 anos, que a rejeitou e tinha dois filhos, um menino de dois anos de idade e uma menina de 10 meses, cujo pai é seu atual namorado.

Assim por meio destes dados e de sua fala nas primeiras sessões foi possível perceber que se tratava de uma paciente que não teve em sua fase inicial um ambiente facilitador, ou seja, uma mãe suficientemente boa, o que a leva a apresentar um intenso sofrimento e uma falta de confiança nas pessoas que a cercam. Pois segundo o relato de Júlia, sua mãe biológica a abandonou logo após o nascimento passando a função para a sua avó materna, que embora tenha cuidado de Júlia provendo cuidados necessários para seu crescimento e certo amadurecimento, não assumiu a função de todo, já que segundo a fala de Júlia "*sua avó a considera filha, mas uma filha diferente das outras, que é tratada de maneira diferente e não*

*recebe o mesmo apoio e carinho que as outras filhas”*. (SIC). Segundo a teoria de Winnicott um ambiente suficientemente bom, não é apenas aquele que supre as necessidades físicas de um bebê, mas aquele que se adapta a todas as necessidades deste, sendo elas físicas e emocionais, o protegendo e permitindo seu movimento espontâneo sem a perda de seu ser. Pois, caso contrário, acontece uma intrusão do ambiente sobre a criança, levando-a a reagir e perder a sensação do ser. (Braga, 2012).

Braga (2012) revela a importância do ambiente, no sentido de entender como a falha deste pode provocar uma perda da sensação de ser, que é a busca dos indivíduos, principalmente na época da adolescência. Esta perda da sensação de ser é encontrada na fala de Júlia, que relata não saber quem é. Se sente como sendo duas pessoas diferentes: *“Eu sou adolescente na escola, que é meu refúgio, lá eu posso rir de coisas bobas. Em casa sou adulta, pois tenho que cuidar dos meus filhos e minha família não aceita meu lado adolescente”*. (SIC)

No procedimento Desenho-história aparece uma mulher grávida em oposição (versus) a uma criança que está muito feliz, com os braços estendidos para cima, os dois desenhos parecem não ter olhos. O desenho também nos remete um falo que sai do peito na figura da mulher.

Na história ela fala de uma adolescência de hoje, que é na verdade sua própria história: *“Na adolescência de hoje em dia, a maioria das garotas estão engravidando, ou seja, amadurecendo muito mais do que o esperado. A partir daí elas perdem muitos benefícios e oportunidades que a vida nos proporciona. No desenho expressei que em vez de amadurecermos tão rápidas deveríamos curtir mais; mas até eu perceber isso já tinha me apressado de mais, e hoje como “quase” mulher reconheço que o mundo nunca deixa de nos oferecer oportunidades, só depende de nós agarrá-las. Não me arrependo nem se quer um momento de ter tido os meus filhos, pois hoje sou o que sou por causa deles e me resumo como uma responsabilidade, pois fui totalmente o contrário daqueles que me julgaram. Hoje estudo e me esforço o máximo que posso para ser bem estruturada, ou seja, alguém na vida, bem sucedida”* (SIC).

Assim no decorrer das sessões e através do desenho história foi possível perceber que Júlia apresenta um intenso sofrimento devido tanto as suas constantes frustrações (abandono da mãe, rejeição do pai, problemas familiares, problemas com o namorado) quanto por ter como obrigação a maturidade em uma fase da vida em que a imaturidade é característica e essencial, o que a leva sentir culpa por desejar ser imatura e por manifestar uma raiva (inconsciente) de seus filhos, já que foram eles que lhe roubaram a adolescência. Este conflito fica evidente em suas falas e no desenho história, pois quando foi pedido a ela que desenhasse o que é adolescência, ela faz a seguinte pergunta: “*É pra desenhar minha adolescência ou a que deveria ser?*”.

Deste modo, pode-se pensar em um amadurecimento precoce por meio de um processo falso devido a uma falha ambiental, que ocorre desde início da vida de Júlia, não oferecendo holding e não sobrevivendo aos seus ataques. Seu ambiente não enxergou suas atitudes como um pedido de socorro o que a levou a engravidar cedo demais, repetindo a história de sua mãe. Assim Júlia teve de ter o fazer antes do ser, isto é, teve seu processo de procura de si mesmo interrompido e se tornou adulta antes da hora, que ocasiona um grande sofrimento psíquico e uma falta de reconhecimento do que ela mesma é. Portanto podemos falar de um falso *self*, isto é, a paciente se esforça para ser uma boa mãe, pois este é o desejo daqueles que a rodeiam, para que ela não seja igual a sua mãe, porém isto parece ir contra um desejo de ser criança, de viver a adolescência perdida, desejo que deve ser escondido.

Portanto sua terapia consiste em providenciar para ela um ambiente que a permita *ser*. Um ambiente que suporte suas idas e vindas, permitindo que faça suas descobertas, que se encontre de forma que a permita amadurecer.

### **Referências**

- Araújo, C. A. S. (2005). O ambiente em Winnicott. Winnicott e-Prints electronic version, 4, n.1, PP.21-34.
- Braga, C. M. L. (2012). Comunicação e isolamento na Adolescência: compreendendo o uso de blogs pelos jovens na atualidade. São Paulo: Zagodoni Editora.
- Winnicott, D. W. (2005). Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes. (trabalho original publicado em 1989).

**Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia**

*Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?*

Universidade Estadual de Maringá

ISSN 1679-558X

---

Winnicott, D. W. (1975). O Brincar e a Realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora.  
(trabalho original publicado em 1971).

**EIXO TEMÁTICO: PSICOLOGIA, SAÚDE E PROCESSOS CLÍNICOS**